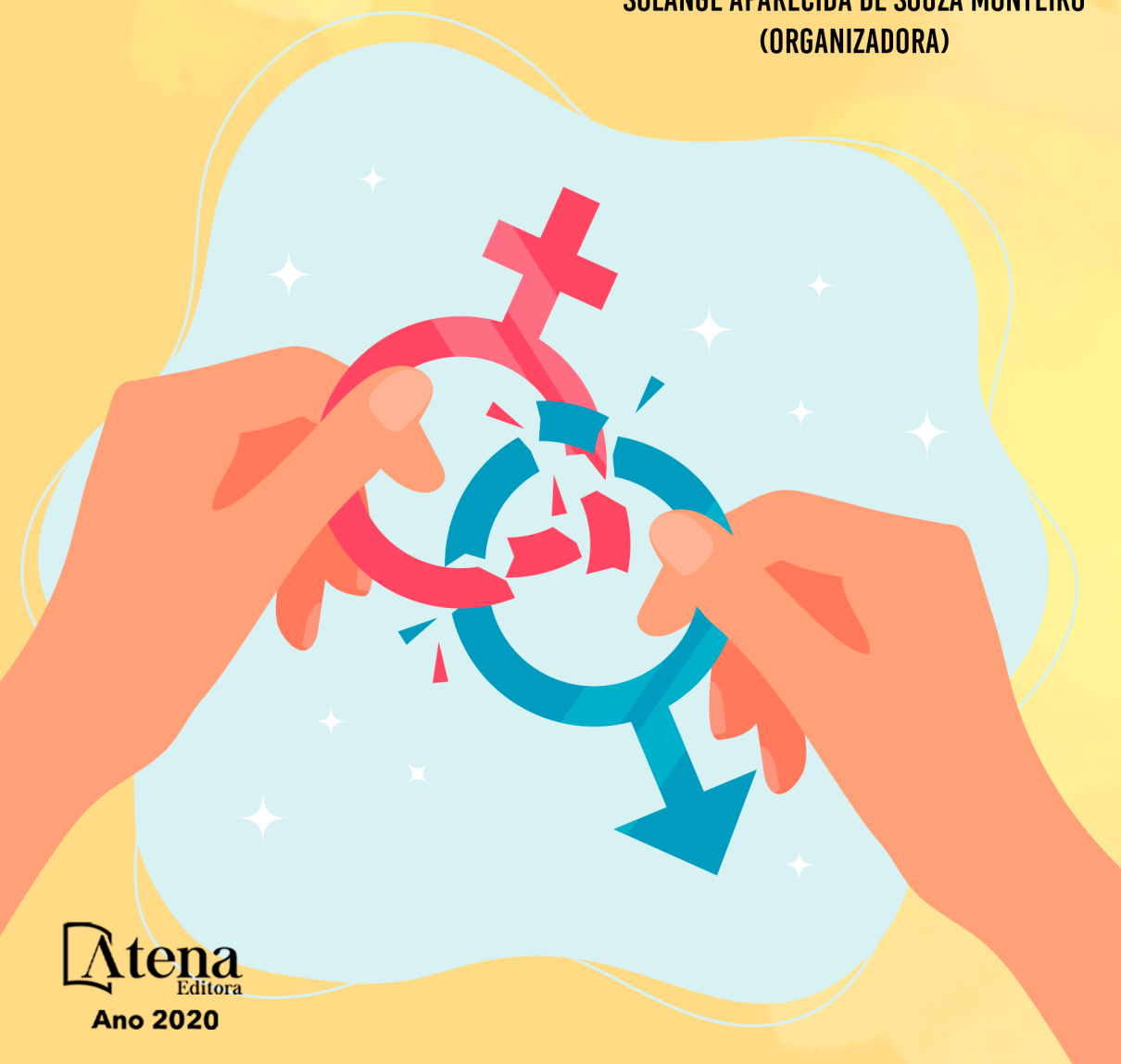


RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Solange Aparecida de Souza Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M775r Monteiro, Solange Aparecida de Souza.
Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-451-1
DOI 10.22533/at.ed.511203009

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I.Monteiro, Solange Aparecida de Souza..

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM

Adriana Novais

Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.

Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.

Jamais transariam sem vontade.

Se um dia as mulheres se enfurecessem não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.

Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.

Em fúria não usariam roupas desconfortáveis em nome da aparência.

Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.

Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.

Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.

Em fúria não seria escrava em sua própria casa.

Se um dia as mulheres se enfurecessem, calariam a boca dos padres e dos pastores que pregam o dever da sua submissão.

Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.

Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem e os filhos a não estuprarem.

Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem, escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.

Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.

Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as etnias, esmagariam todas as correntes da sua opressão.

Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade

As práticas sexistas podem decidir o que pertence ao mundo masculino e ao feminino, reguladas em estereótipos culturais arraigados desde a idade medieval como um padrão heteronormativo que deve ser seguido pela sociedade, se alguém desviar-se do prescrito será estigmatizado dentro do seu meio. Conforme os relatos de estudiosos nesse e-book, essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da diferenciação que alguns docentes fazem do menino e da menina, na formação das filas, dos crachás e até mesmo nas escolhas dos brinquedos. Assim quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para o seu gênero conforme o padrão heteronormativo elas são repreendidas na família, na escola e na sociedade

Finco (2003) aponta

[...] relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza sem a interferência de ninguém padronizando um perfil como certo ou errado (FINCO, 2003).

Para Louro (2000), desconstruir essa forma de pensar desmistifica esses dois planos homem e mulher, retira-se esse pensamento de como se fossem dois polos diferentes e não pudessem ocorrer as interações entre eles. Essa proposta da desconstrução das dicotomias busca enfatizar estes dois polos não existem, ocorre uma pluralidade e, através dessas dicotomias pode ser um dos primeiros passos para um questionamento das relações de gênero levando ao fim do sexismo. Para a autora, existe uma lógica dualista que rege as polaridades, desmontando não apenas a ideia de que cada um dos polos masculino e feminino está presente um no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. Esse processo de desconstrução não ocorre de maneira simples, mas ao longo prazo através de uma reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam diante das diferenças de gênero na infância. É de extrema necessidade desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto brinquedos e brincadeiras assumirem papéis de masculino ou feminino na escola estaremos fadados ao insucesso. Apesar de todas essas situações apresentadas estarem implícitas no dia a dia da escola e nas práticas pedagógicas de alguns docentes, a temática

ainda é muito restrita, geradora de medo, desconhecimento e pouco científico. Deve-se sair do senso comum, do conservadorismo, do obscurantismo, sobrepondo-se a vigilância epistêmica, no agir de forma questionadora, enfrentando o que nos causa tanto receio e que nos destina a fortalecer recrudescimento, desfazendo mitos e tabus no sentido de disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer pedagógico para emancipar por meio da educação e das meninas e dos meninos pode ser uma forma de florescer dentro dos muros das escolas.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MUJERES Y EDUCACIÓN: UNA HISTORIA EN LA PROVINCIA MEXICANA A MEDIADOS DEL SIGLO XX

Cirila Cervera Delgado

Mireya Martí Reyes

Esteffany Muñiz Paz

DOI 10.22533/at.ed.5112030091

CAPÍTULO 2..... 12

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO

Andressa Santos de Almeida

Tercília Júlia Oliveira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5112030092

CAPÍTULO 3..... 24

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA IDENTIFICAÇÃO FEMININA, DA DICOTOMIA À FRAGMENTAÇÃO

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima

Laís Teixeira Lima

DOI 10.22533/at.ed.5112030093

CAPÍTULO 4..... 36

A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO

Carla Rezende Gomes

DOI 10.22533/at.ed.5112030094

CAPÍTULO 5..... 56

A GAROTA PIN-UP: OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Paula Oliveira Barros

DOI 10.22533/at.ed.5112030095

CAPÍTULO 6..... 62

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DA DIFERENÇA SEXUAL

Rogério Goulart da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5112030096

CAPÍTULO 7..... 73

MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

Júlia Gonçalves Barreto Baptista

Thais Maria Nogueira da Gama

Paula Land Curi

DOI 10.22533/at.ed.5112030097

CAPÍTULO 8..... 84

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Roberto Bezerra Costa

DOI 10.22533/at.ed.5112030098

CAPÍTULO 9..... 96

UMA VOZ FEMININA E DISSONANTE NA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE 1946 -1950: MARIA ANGÉLICA DE CASTRO

Cleyde Oliveira de Castro

Murilena Pinheiro de Almeida

Maria de Lourdes Esteves Bezerra

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho

Emerson Marques Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.5112030099

CAPÍTULO 10..... 110

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Jascira da Silva Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300910

CAPÍTULO 11 118

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: OS REFLEXOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES LABORAIS FEMININAS

Leticia dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.51120300911

CAPÍTULO 12..... 123

GERENCIALISMO NEOLIBERAL E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

Paula da Luz Galvão

DOI 10.22533/at.ed.51120300912

CAPÍTULO 13..... 134

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Heintze Ferreira

Franciéle Marabotti Costa Leite

Letícia Peisino Buleriano

Rita de Cássia Duarte Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300913

CAPÍTULO 14..... 155

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel

José Valdinei Albuquerque Miranda

DOI 10.22533/at.ed.51120300914

CAPÍTULO 15	165
A FORÇA SIMBÓLICA DAS POLÍTICAS DE COTAS DE GÊNERO NO BRASIL	
Pollyane Cunha Ferreira	
Rita de Cássia Alanna Pereira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.51120300915	
CAPÍTULO 16	187
A INSERÇÃO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MARANHÃO	
Rosylene Conceição Soares Cutrim	
Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51120300916	
CAPÍTULO 17	201
PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL	
Adenilde de Souza Dantas	
Maria Helena Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.51120300917	
CAPÍTULO 18	214
SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES	
Jacqueline Mary Soares de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51120300918	
CAPÍTULO 19	224
AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS	
Glauce Margarida da Hora Medeiros	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.51120300919	
CAPÍTULO 20	242
REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO	
Reinaldo Eduardo da Silva Sales	
Mayara Mendes Leal	
Helen Batista da Silva	
Ítalo Fabiano Corrêa Silva	
Paulo Henrique Garcia da Silva	
Thiago Roniere do Rosário Matos	
DOI 10.22533/at.ed.51120300920	
CAPÍTULO 21	253
INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/ AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS	
Karoline Pontes Cavalcante Manguinho	
Priscila de Vasconcelos Monteiro	

Maria Lúcia Duarte Pereira
Monalisa Rodrigues da Cruz
Catarina Laborê Vidal Fernandes
Alana Kelly Áfio Caetano
Bruna Karine Amorim da Costa
Rita Maria Silva Almeida
Rayssa Veras Camelo
Rita de Cássia Gadelha da Silva
Rachel Cabral Mota
Laryssa Sá Machado

DOI 10.22533/at.ed.51120300921

CAPÍTULO 22.....259

GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Melissa Camilo
Débora Cristina Machado Cornélio
Débora Fernandez Antonon Silvestre
Marilurdes Cruz Borges
Jeize Loici Back
Monique Delgado de Faria
Fabrício Augusto Correia da Silva

DOI 10.22533/at.ed.51120300922

SOBRE A ORGANIZADORA.....277

ÍNDICE REMISSIVO.....278

SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 04/07/2020

Jacqueline Mary Soares de Oliveira

Universidade Federal da Bahia/UFBA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismos – Salvador/Ba
<http://lattes.cnpq.br/6303097625483154>

RESUMO: Os espaços da prática e da produção teórica feminista têm contribuído para ressignificar lugares socialmente impostos e mostrar outros modos de perceber, viver e ser no mundo. As conquistas são diversas nas últimas décadas, tanto na produção acadêmica como no *locus* da prática política. No entanto, faz-se necessária a análise contínua sobre como as relações nestes espaços se configuram para que possamos continuar trilhando caminhos com novas conquistas. Tendo a observação como instrumento de coleta de dados e através do arcabouço teórico como explicação para a prática feminista, este artigo tem como objetivo refletir e apontar para as contradições entre discurso e prática que se estabelecem nos espaços feministas, avaliando como as relações de opressão entre as mulheres têm ocorrido nos espaços de produção teórica, apontando motivações, como o campo feminista reproduz a lógica da produção científica enquanto instrumento do exercício do poder intragênero e como o trânsito de intelectuais feministas persiste sob modelos políticos das ciências duras.

PALAVRAS-CHAVES: Feminismo, prática feminista, produção de conhecimento.

ON SPACES OF FEMINIST THEORIZATION AND ITS OPPRESSIONS

ABSTRACT: The spaces of feminist theoretical practice and production have contributed to redefine socially imposed places and show other ways of perceiving, living and being in the world. Achievements have been diverse in recent decades, both in academic production and in the locus of political practice. However, it is necessary to continuously analyze how the relationships in these spaces are configured so that we can continue treading paths with new achievements. Having observation as an instrument of data collection and through the theoretical framework as an explanation for feminist practice, this article aims to reflect and point to the contradictions between discourse and practice that are established in feminist spaces, evaluating how the relations of oppression between women have occurred in spaces of theoretical production, pointing out motivations, how the feminist field reproduces the logic of scientific production as an instrument of the exercise of intragender power and how the transit of feminist intellectuals persists under political models of the hard sciences.

KEYWORDS: Feminism, feminist practice, knowledge productio.

1 | INTRODUÇÃO

A vivência em sala de aula como discente em alguns espaços e, em outros, como docente, tem proporcionado uma amplitude de observações referente às concepções dos

sujeitos com relação à produção do conhecimento como um campo de poder. A circunstância de estar compartilhando diariamente experiências e trajetórias de vidas distintas leva-nos a reflexões sobre os constantes paradoxos que vivemos e experienciamos como sujeitas sociais e políticas - em alguns espaços sujeitas que dominam, detentoras do conhecimento, portanto, de poder e, em outros, que se percebem subjugadas ou expropriadas da essência de conhecimento que foi constituído a partir de suas trajetórias e vivências.

Nossas reflexões sobre a opressão sofrida por mulheres estudantes dentro dos espaços de teorização feminista se aprimoraram a partir da escuta e observações, dos diálogos e das leituras sobre os não locais, sobre a (pseudo) subalternidade intelectual de mulheres, por não participarem de discussões realizadas nestes espaços e não fazerem parte de uma matriz civilizatória que ainda permeia o imaginário da academia (branca, classe média alta, advinda de um contexto educativo privilegiado – que contrasta com a realidade de muitas mulheres vindas dos movimentos sociais de base). Tal reflexão foi possível por nos termos permitido a suspensão do cotidiano, transportando-nos para o lugar de observadoras no espaço de construção feminista, mas também um lugar de vivências contraditórias entre debates e práticas (ditas) feministas.

Antes, porém, cabe apontar que as análises apresentadas são parciais e localizadas, embora sejam fruto de alguns incômodos surgidos no decurso desta formação, das últimas leituras acerca das teorias feministas e como elas têm dialogado e transversalizado a vida prática de mulheres feministas acadêmicas ou não.

Tomaremos este texto como um desabafo de alguém que prefere permanecer no lugar de transitoriedade do conhecimento parcial e localizado (Acreditamos que todo o conhecimento é transitório, parcial e localizado. Nenhum conhecimento está pronto e acabado. Nenhum conhecimento é verdadeiro e único para todas as pessoas. Fosse assim não teríamos a possibilidade da refutação. Nenhum conhecimento, portanto, é não-conhecimento), tendo como objetivo refletir sobre a sub-representação e/ou omissão de fala de mulheres oriundas dos diversos movimentos sociais e outras emergentes de um contexto social não propositivo ao desenvolvimento da intelectualidade como alternativa de mudança. Mulheres que anseiam pelo aprimoramento intelectual para intervir nas suas realidades sociais e políticas. A proposta consiste em problematizar, a partir do aporte teórico, os espaços e vivências feministas como *locus* de disputa intergrupo pautado na lógica “saber é poder”, que reproduz uma cátedra cartesiana e, permite a sobreposição/opressão de mulheres por mulheres, nos espaços eminentemente feministas.

Para melhor compreensão sobre nossas elucubrações, no primeiro momento do texto procuramos situar o discurso teórico feminista e, tomando-o como base, analisamos as contradições da prática feminista nos espaços de construção teórica.

21 O FEMINISMO ACADÊMICO E SUAS CONTRADIÇÕES

Os movimentos de mulheres e feministas desde o final do século XX e início do século XXI têm logrado avanços na discussão e teorização sobre os lugares ocupados pelas mulheres nas diversas instâncias, privadas e públicas, no âmbito das relações intrafamiliares e das instituições, como sujeitos sociais e políticos, alimentando o compromisso pela emancipação, autonomia e liberdade das mulheres, mas, sabe-se que, as ausências também circundam estes espaços de discussão pelas muitas formas de opressão e diversas experiências feministas vivenciadas sobre o jugo do poder da intelectualidade, que tendem a subjugar as que não tiverem sua fala legitimada pela academia e pelos grupos fechados existentes nela.

A trajetória percorrida pela produção acadêmica feminista apresentou na década de 80, do século XX, estudos e debates que giravam em torno da distinção dos conceitos de sexo e gênero. Já nos anos 90, amplia-se para sexo, sexualidade, orientação sexual e posteriormente, são alimentados e passam a evidenciar os diversos entrecruzamentos com os eixos de subordinação/exploração de classe, raça/etnia, geração, corpo, religião e identidades. (VALLEJOS, YANNOULAS, LENARDUZZI, 2000).

Percebe-se, então, a inconstância de lugares que estas mulheres ocupam e que não são percebidos por outras mulheres, pois, são locais, únicos e individuais. Estes corpos são “historicamente contingentes [...] moldados por diferentes temporalidades e culturas”. (LOPES, 2006, pg 49-50). Contudo, toma-se o conhecimento ontológico como via para problematizar as relações e colocar em evidência os diversos eixos de opressão. É no final do século XX e início do XXI que iniciam as teorizações acerca da translocalidade das mulheres e seus campos de interação, pois, campo deve ser visto como “loci privilegiado de construções de saberes”. (LOPES, 2006, p. 44).

É importante apontar os inúmeros avanços referentes ao reconhecimento das especificidades e diversas localidades (como condições de ser em diversos espaços e momentos.) das mulheres no campo dos estudos feministas, contudo, desejamos problematizar de que forma estes avanços têm ocorrido, atendendo a quais interesses epistemológicos e políticos. É necessário continuar a discussão sobre como se manifesta na construção do pensamento científico feminista a presença ou ausência das “outras” mulheres, fora do eixo central academicista, onde o campo impõe as regras, ainda que com menor teor, da autoridade epistemológica das consideradas intelectuais. Sobre esta produção intelectual, Bell Hooks (1995) pontua que, “o trabalho intelectual é uma porta necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto à sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes” (BELL HOOKS, 1995, p. 466). Contudo, esta premissa não é determinante para evitar a opressão entre mulheres dentro do próprio espaço de mulheres e feministas.

Os campos de construção teórica também são considerados espaços de poder e, portanto, o conhecimento é produzido a partir de um lugar para atender expectativas políticas - o conhecimento não é ingênuo. Ele é capaz de produzir opressões, mesmo dentro do próprio movimento de democratização do conhecimento científico e feminista. “A ciência é um texto contestável e um campo de poder; o conteúdo é a forma” (HARAWAY, 1995, p. 11) e a essência da construção da ciência, “é uma prática de convicções que mudam o mundo” (IDEM). Mas também pode estar a serviço de sua reprodução.

Vallejos, Yannoulas e Lenarduzzi (2000, p. 6) apontam como uma característica dos estudos feministas a politicidade que

Remete a articulação entre acadêmicas feministas e aos movimentos de mulheres. Esta articulação nem sempre foi fácil: muitas vezes as acadêmicas feministas precisaram desvincular-se dos movimentos para serem aceitas nos âmbitos acadêmicos. Outras vezes, as militantes feministas se distanciaram das acadêmicas entendendo que suas estratégias e propostas eram reformistas, sem defender uma mudança radical a favor das mulheres em conjunto. [...] Apesar da diferença entre os espaços de atuação, objetivos, metodologias ou estratégias de poder que adotam, acadêmicas e militantes se nutrem mutuamente: as militantes assinalando constantemente os pontos problemáticos que precisam ser estudados pelas acadêmicas; as acadêmicas oferecendo saberes legitimados cientificamente para a construção de estratégias e planos de ação por parte das militantes.

Para tanto, é necessário desvelar como as mulheres dos diversos lugares, fora do eixo acadêmico, podem ingressar e, principalmente, transitar de forma livre, autônoma e sem medos por esses espaços de poder intelectual, que possam produzir conhecimento acerca das suas condições de vida específicas, a partir dos seus locais de fala e suas próprias vivências.

Há um espectro de autoridade científica que dificulta o acesso e o sentimento de pertencimento a este espaço (acadêmico), assim como o entendimento e o desejo da tradução dos lugares de fala e das localidades das mulheres que chegam de outros espaços de conhecimento, de seus lugares situados na prática, inscrita na tessitura das relações. Neste sentido, cabe pensar o sujeito cognoscente como um conjunto de interconexões, assim como a própria ciência o é. Além do corpo é também a mente, o social (aquilo que o rodeia) e o ambiente natural.

Recorrente também é perceber como se dão as relações dessas mulheres, os espaços em que estão inseridas e como a ciência necessita compreender os mecanismos e estruturas que operam para sua constituição como sujeito. Neste movimento da flexibilidade, de reversibilidade, de adaptação e de organização, os indivíduos e a ciência se estabelecem de modo processual, em constante movimento de troca. Os movimentos das coisas não são estáveis, não são isolados, são ritmados a partir das vibrações de outros movimentos. Portanto, também é importante pensar na não hierarquização dos saberes, todos contribuem para a construção de uma ciência cujo objetivo é o bem da

humanidade e, portanto, os saberes são complementares, essenciais, importantes e sem sobreposições.

Algumas discussões já apontam para reflexões similares à que propomos neste ensaio, a exemplo de Bell Hooks, quando discute o pensamento radical pós-moderno e faz críticas aos avanços no reconhecimento da alteridade, a autora “dirige sua voz crítica principalmente a um público especializado, aquele com quem compartilha uma linguagem comum enraizada nas narrativas mestras que pretende contestar” (1996, p. 3). O *locus* da prática feminista há muito tem sinalizado para a parcialidade da alteridade, evidenciando aquela cujo sentido se coadune com as que lhe são análogas. Bell Hooks ainda reflete sobre as noções de autoridade como “domínio sobre”, que não deve ser apenas um “dispositivo retórico, deve ser refletido nas formas ser” (idem). Portanto, o poder da retórica teoricamente estruturada reverbera nas relações entre mulheres, refletindo nas “formas ser”. O poder transpõe a alteridade, assume o lugar desta. O impacto transformativo da autoridade epistemológica à qual se propõem as leituras e estudos feministas termina, por paradoxalmente, subjugar mulheres por mulheres.

A abordagem acerca das invisibilidades intelectuais se concentra em torno das estudosas e construções teóricas do Terceiro Mundo e do sul global que, por tempos tiveram suas teorizações negligenciadas. Neste sentido, Haraway (1995) aponta sobre a necessidade de “teorizar o mundo”, não perdendo de vista a importância de traduzir os conhecimentos. “Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (HARAWAY, 1995, p. 16). A produção feminista da ciência é imbuída de uma capacidade plural, também de possibilidade de compreensão da complexidade da realidade, é, então, um espaço fértil para receber as diferenças e inseri-las no projeto de construção de uma ciência. “O corpus feminista deveria nutrir-se de todos os aportes (convergentes e divergentes) produzidos pelas mulheres. Deveria constituir-se em instância de interlocução mais que em doutrina única.” (VALLEJOS, YANNOULAS, LENARDUZZI, 2000, p. 7).

A teorização é parte fundante para situar-se no campo da prática, fomentando condições de posicionamento consciente da ação política, contudo, é importante salientar que o feminismo como prática teórica reconhece a situação de opressão e de inferiorização das mulheres e o caráter histórico e não-natural das relações de dominação que as submetem aos homens, além de promover a interlocução com os movimentos, afim de lutar contra estas práticas. No entanto, é salutar reivindicar o local de fala de todas as mulheres, a possibilidade do trânsito sem opressão de todas as “outras” consideradas fora do eixo do campo da intelectualidade, oriundas do “campus” de ação prática.

O que se tem revelado é que a posição/condição social de classe, raça/etnia, de posicionalidade das práticas sociais e políticas decidem/definem estereótipos intelectuais que delimitam os espaços autorizados de livre trânsito dessas mulheres no mundo

acadêmico. Mesmo com a inserção/inclusão de todas as mulheres indistintamente, ainda é crítico o livre trânsito sem que seu lugar, sua fala, sua prática, suas escolhas e vivências interfiram neste trânsito. Vallejos, Yannoulas e Lenarduzzi (2000) refletem sobre a existência de três formas de controle ou discriminação nas instituições acadêmicas - o que elas chamam de discriminação encoberta ou manifesta, que também serve para analisar os espaços feministas. A que pontuaremos aqui está mais voltada para as nuances encobertas da discriminação dentro deste espaço.

A discriminação manifesta referente a regras e códigos pensados para salvaguardar e proteger espaços de poder, a discriminação encoberta, que se refere às ideias assumidas informalmente sobre a constituição da atividade acadêmica e do comportamento válido em seu interior; e a autodiscriminação, que é uma espécie de vigilância interna aprendida para assegurar que nos comportemos dentro dos parâmetros delimitados pela discriminação manifesta e encoberta. (VALLEJOS, YANNOULAS, LENARDUZZI, 2000, p. 15).

Estas formas são tomadas como assento nas estruturas de poder e na institucionalização das experiências masculinizadas (VALLEJOS, YANNOULAS, LENARDUZZI, 2000). São estes parâmetros que delimitam os lugares de mulheres no mundo acadêmico e que têm interferido também na permanência e no trânsito dessas mulheres nestes espaços e naqueles que foram constituídos a partir das próprias mulheres e das mulheres feministas que terminam reproduzindo a lógica limítrofe das relações de poder, consubstanciadas pela intelectualidade. O que Haraway (s/d), em sua obra *Saberes Localizados*, traduz como reducionismo - quando a linguagem é posta “como parâmetro para todas as traduções e conversões”.

Neste sentido, reportamo-nos a Susan Bordo na sua obra “A feminista como o Outro”, quando apresenta a argumentação de Beauvoir de que “no mundo social existem aqueles que ocupam a posição não específica, do essencial, do universal, do humano, e aqueles que são reduzidos e marcados pela diferença”. (BORDO, 2000, p. 11). Assim, também ocorre nos espaços de “dentro” do âmbito feminista. Existem aquelas “que são até apreciadas, mas sempre em seu lugar especial e periférico; o lugar de sua diferença” (BORDO. 2000, PG.12).

Oprivilégio de acesso, de permanência e, portanto, de desenvolvimento nos espaços de teorização se dão pela autoridade do conhecimento e da fala permeada de elaborações filosóficas. Trabalhos e falas adornadas de conexões expressivas de intelectualidade e poder, imbuídas de abstrações teóricas e elaborações são as que mais são validadas no campo acadêmico. Bordo, novamente cita Beauvoir, a qual argumenta que, “independente do modo como vestimos a nós mesmas ou aos nossos insights, seremos quase sempre mapeadas dentro da região do Outro.” (IDEM. p. 15).

Decerto, a abordagem feita por Beauvoir e também por Susan Bordo se refere ao contexto da produção científica que privilegia o lugar do homem em detrimento da

produção feminista. No entanto, cabe refletir sobre o não lugar de outras mulheres também no escopo feminista, que reproduz a lógica subalternizante para mulheres, tomadas como “Outras” - quando fora das expectativas de produção científica que definem quem e como deve se apresentar/posicionar diante do campo da produção científica, para validar-se como intelectual, atendendo a paradigmas de cientificidade que impõem rigor científico, narrativas elaboradas e raciocínio filosófico.

Cabe também uma reflexão sobre o arcabouço epistemológico que determina as questões que merecem ser investigadas (COLLINS, 2000) e os interesses que por muito tempo ficaram pautados no eixo eurocêntrico relegando as demandas das mulheres, das mulheres negras, das mulheres negras do sul global, terceiro-mundistas. Sobre os critérios que validavam tal perspectiva e que perpassam ainda hoje o campo epistemológico, Collins (2000) discorre:

Dois critérios políticos influenciam o processo de validação de conhecimento. Primeiro, as proposições de conhecimento são avaliadas por uma comunidade de especialistas cujos membros trazem com eles a aglutinação de experiências sedimentadas que refletem seus grupos de localização nas intersecções de opressões. [...] Segundo, cada comunidade de especialistas deve manter sua credibilidade, conforme definida pelo grupo mais amplo na qual se situa e de onde retira seu conhecimento básico, que é tido como dado. (COLLINS, 2000, p. 3-4)

Percebe-se que a argumentação acima, embora reflita sobre a realidade epistemológica entre homens e mulheres, deixa evidente que entre nós, mulheres e mulheres feministas, a lógica se reproduz. Tal perspectiva epistemológica cria no âmbito da produção teórica a tendência a pactos relacionais por interesse de ascensão política e reconhecimento epistemológico, subtraindo a possibilidade de trocas entre aquelas que embora apresentem uma série de dificuldades de interação intelectual, possuem a capacidade de aglutinar conhecimentos a partir de seus locais (de vivências e trajetórias) e de suas experiências. Neste sentido, o trânsito destas mulheres nos espaços acadêmicos passa a ser negligenciado e invisibilizado.

São constantes os relatos de mulheres do círculo academicista, oriundas dos espaços sociais e políticos de movimentos de base, acerca do mal estar nas relações dentro do ambiente acadêmico intelectual. Situações como o riso de um grupo significativo de outras mulheres, ditas “feministas” diante de uma dúvida simples de uma jovem aluna – riso provocado por uma Doutora, que negligencia e menospreza as dúvidas de quem inicia na descoberta do sentido do feminismo. Outra situação seria o constrangimento público infundido a mulheres com dificuldade na oratória, que se sentem inibidas de reverberar suas dúvidas e questionamentos. Ou então, afirmar que o texto de alguém não é condizente e digno de alguém que pleiteia o título de mestre ou doutor.

Exemplos como estes evidenciam a imposição de pretensão soberania intelectual que é cunhada por algumas sujeitas de dentro, e algumas outras de fora, que partilham de

alianças políticas e que, portanto, ratificam que as relações de poder são instituídas pelo saber.

Os relatos remetem a impeditivos ao trânsito livre do conhecimento por conta das barreiras de interlocução apresentadas nestes espaços, ao sentimento de não pertencimento que gera desconforto e bloqueios no processo de aprendizagem, inibindo discussões e reflexões teoricamente elaboradas.

Faz-se necessária uma leitura crítica, que possa construir a possibilidade da solidariedade entre nós. Porque nos espaços da construção democrática e solidária se percebe, em alguns casos, uma contraposição à lógica da leitura feminista e do acesso a todas as mulheres à possibilidade de ler o mundo a partir de sua perspectiva. O saber intelectualmente construído e também os “pseudo” construídos, neste sentido, determinam as relações, o lugar e como se dará o trânsito das “outras” nestes espaços.

Não reportaremos à discussão acerca das identidades questionadas por Haraway, pois acreditamos que as sujeitas de quem falo são constituídas de identidades – o que as torna sujeitas posicionadas sócio e politicamente – independente dos locais por onde transitam.

Salientamos que essas identidades são constituídas a partir de suas muitas diferenças (locais, espacialidades, subjetividades, *locus* político). O que é posto nesta discussão é como o trânsito neste local (a academia) eminentemente feminista também é doloroso, subalternizante e opressor, contribuindo para ratificação da subalternidade de muitas mulheres. Tais relações devem contribuir para a construção de uma ciência feminista democrática cujo princípio é a inclusão do olhar das mulheres sobre todas as coisas, uma ciência que possibilite que o mundo seja interpretado por mulheres de todos os locais e origens. Percebe-se, no entanto, que o seu trânsito no espaço acadêmico é permeado por repressão e subjugação.

O feminismo adentrou o campo teórico na perspectiva de mudanças ideológicas, repensando e redesenhando uma construção científica contestatória ao modelo de pensamento androcêntrico - e no campo político, no pleito pela garantia da igualdade entre homens e mulheres no seu contexto sócio, político, econômico, cultural, ao reivindicar políticas públicas igualitárias, de modo a afastar probabilidades sexistas e misóginas. O que cabe como reflexão é o feminismo constituído num espectro eurocêntrico e tomando a mulher (singular) como modelo universal. Ratifica-se as lutas emergentes que buscam consolidar a mulher como sujeito plural e contemplar o contexto de especificidades diversas entre as mulheres. A construção teórica feminista deve, como prática política, incluir as demandas de todas as mulheres, pressupondo, desta forma, o reconhecimento das desigualdades estabelecidas entre elas e, acima de tudo, possibilitando que todas as mulheres possam transitar pelos espaços feministas sem nenhum tipo de opressão/subjugação.

A noção de multidimensionalidade utilizada por Luiza Bairos (1995) reflete este contexto, quando entende que as experiências (um dos elementos fundantes para entender a opressão sexista) são sociais e historicamente construídas e vivenciadas diferentemente. Esta categoria permite um entendimento sobre os diferentes comportamentos no arcabouço feminista. Emerge do terreno interseccional das experiências de mulheres que proporcionaram a discussão de suas realidades possibilitando transformações e contribuições teóricas a partir das suas experiências pessoais. Concatena-se ao que Audre Lorde, em seu artigo *Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference* (1984) reporta: “Dito de outro modo, ensinar os opressores quais são seus erros é responsabilidade dos oprimidos”. A autora pontua que

Para concentrar minhas energias necessito integrar todas as partes do que sou, sem esconder nada, permitindo que o poder que emana das distintas fontes da minha existência flua livremente entre meus distintos seres, sem o impedimento de uma definição imposta de fora. Só assim posso colocar-me, com todas as minhas energias, a serviço das lutas a que me entrego e que formam parte da minha vida. (Tradução de Tatiana Nascimento, 2012, p. 4)

O processo de discussão da não completude do academicismo feminista vem à tona mais uma vez quando invisibiliza ou negligencia possibilidades/especificidades de olhares de outras mulheres. O que se põe de fato é que as expressões da opressão, fruto nocivo das relações de poder, circundam as relações sociais. Audre Lorde propõe, desta forma, reconhecer as diferenças e redesenhar os meios que permitam utilizá-las para enriquecer a visão e as lutas comuns.

Em outro momento, Audre Lorde nos alerta ao afirmar que “[...] os velhos modelos, mesmo sendo retocados para o progresso, seguem condenados a cair no erro da repetição camuflada das relações de sempre, do sentimento de culpa de sempre, do ódio, da recriminação, dos lamentos e da desconfiança”. (Idem, 2012).

A provocação instala-se na invisibilidade das questões específicas dentro dos espaços da produção científica, ratificando desta forma a hipótese inicial, os espaços feministas também estão substanciados por uma referência de poder que os impulsiona para a confrontação e fragmentação e não para a complementariedade das experiências de todas as mulheres, apesar de serem totalmente complementares. Esta reflexão aponta para as experiências de exclusão, discriminação e violência. Indica também que a opressão e subordinação encontram-se no bojo do próprio movimento feminista e do movimento feminista acadêmico, objeto desta análise. O silenciamento e a omissão diante destas questões, tão evidentes nos espaços, soam muitas vezes, como intencionais, artifício utilizado para controle e legitimação do saber-poder de poucas. Neste sentido, conclamamos o feminismo acadêmico a se desarmar, acolher outras narrativas e não desdenhar o processo cambiante que se instala caso nos permitamos a aprender e criar com outras mulheres cujas trajetórias de vida e posicionalidades são distintas. Afinal,

como coloca Gislene Silva (2015, p. 111), as narrativas de vida possuem uma dimensão autoformadora, em que o sujeito, ao falar e escrever sobre se apropria do seu percurso, do vivido que, por sua vez, resulta em experiência que o ajuda “a saber fazer, a tornar-se”. Por outro lado, acrescentamos, aquela/ele que se escolhe ouvir se torna também aprendiz e não fica imune, na medida em que repensa sobre sua própria história e experiência de vida, trazendo para a produção do conhecimento mais humanidade, diversidade e menos linearidade e retórica cartesiana.

REFERÊNCIAS

BAIRROS, Luiza. “Nossos Feminismos Revisitados.” *Estudos Feministas*, Vol. 3, No.2, 1995, PP.:458-463.

BORDO, Susan. “A feminista como o Outro”. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 8, No. 1,2000, pp.:10-29. <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009020937bordo.pdf>

HARAWAY, Donna, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, *Cadernos Pagu*, (5), 1995:07-42. <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-083336haraway.pdf>

HILL COLLINS, Patricia. *Toward an Afrocentric Feminist Epistemology*. In: LINCOLN, Yvonna S.; DENZIN, Norman K. *Turning Points in Qualitative Research: Tying Knots in a Handkerchief*. Rowman Altamira, 2003, p. 47-72. http://www.woldww.net/classes/Principles_of_Inquiry/Collins-AfrocFemEpistemology+.htm

HOOKS, bell. “Postmodern Blackness”. IN: *Postmodern Culture*, Vol. 1, N. 1, 1990, pp.:10-18.

_____. *Intelectuais negras*. *Estudos Feministas*, Vol. 3, No.2, 1995,p. 465-477.

LOPES, Maria Margaret. “Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade”. *Cadernos Pagu*, Vol. 27, julho-dezembro 2006, p.: 36-61

LORDE, Audre. *The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House*, in: Lorde, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p.110-11. Tradução Tatiana Nascimento, 2012a.

_____. *Age, Race, Class, nd Sex: Women Redefinig Difference*. In: in: LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 114-123. Tradução Tatiana Nascimento, 2012b.

SILVA, Gislene Alves da. *Ateliês Autobiográficos: Escritoras de Alagoínhas e suas escrevívências*. *Grau Zero — Revista de Crítíca Cultural*, v.3, n. 1, 2015, p. 99-116. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3280/2148>. Acesso em 02 de mai. 2019.

VALLEJOS, Adriana, YANNOULAS, Silvia, e LENARDUZZI, Sulma. “Liniamentos Epistemológicos”. IN: Anexo I, p.1-29. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/flacso/linea.pdf>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise de Discurso 84, 90, 224, 227, 239

Assédio 118, 119, 120, 121, 122, 183, 203

C

Cidadania 20, 36, 53, 54, 65, 126, 172, 187, 191, 193, 199, 226, 238, 272, 273, 274

Coeducação 62, 70, 71

Cultura 24, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 108, 155, 213, 241, 272, 273, 277

Cultura Machista 96

D

Desigualdade 12, 16, 26, 63, 64, 110, 114, 116, 120, 134, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 177, 178, 188, 194, 224, 226, 237, 238, 239, 271

Diferença Sexual 28, 31, 32, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 157, 190

E

Educação 35, 36, 38, 41, 53, 54, 55, 62, 68, 70, 71, 83, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 117, 155, 164, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 226, 228, 240, 241, 252, 254, 263, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Educação Formal 111, 132, 140, 142

Ensino de Língua Portuguesa 84, 85

Estereótipos 16, 39, 41, 44, 62, 63, 68, 69, 71, 80, 84, 85, 91, 162, 202, 218, 249, 250, 265, 276

F

Feminismo 24, 25, 26, 27, 28, 31, 35, 66, 82, 83, 123, 131, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 184, 186, 202, 212, 214, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 270

Formação de Motoristas 36

G

Gerencialismo Neoliberal 123

Gestão Educacional 96

I

Identidade de Gênero 29, 70, 84, 91, 192, 193, 195, 197, 209, 210, 212

Identidade Feminina 24, 25, 27, 28, 30, 34, 87, 147, 210

Identidades 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 55, 61, 63, 84, 85, 93, 110, 111, 112, 132, 157, 196, 197, 201, 202, 207, 216, 221, 228, 233, 237, 268, 270, 271, 274, 275, 276

Imagem 40, 43, 56, 57, 58, 59, 61, 98, 133, 161, 162, 211, 226, 245, 273

Isolamento 12, 13, 16, 17, 18, 21, 23, 118

M

Masculinidades 36, 39, 55, 89

Medicalização 73, 76, 77, 78, 79, 80, 83

Moral 5, 10, 15, 53, 60, 99, 118, 119, 120, 121, 137, 143, 146, 147, 157

Mulher 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 42, 43, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 98, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 181, 183, 184, 187, 190, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 225, 226, 227, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 252, 259, 260, 261, 266, 273, 274, 275, 276

Mulheres 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 39, 40, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 273

P

Papéis de Gênero 36, 51, 54, 194

Patriarcalismo 26, 118, 119, 120, 121, 203, 212

Pin-Up 56, 57, 59, 60, 61

Políticas Públicas 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 166, 183, 190, 192, 194, 195, 221, 236, 240

Práticas Escolares 96, 102, 274

Q

Quebradeira de Coco Babaçu 110, 112, 117

S

Saúde da Mulher 73, 74, 80, 82, 113, 134, 142, 145, 149, 150, 152

Século XX 108

Sexualidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 54, 57, 58, 60, 61, 63, 66, 70, 71, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 132, 143, 155, 156, 159, 163, 164, 169, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 243, 244, 248, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

T

Trabalhista 118, 203

Trânsito 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 159, 214, 218, 219, 220, 221

V

Violências 13, 15, 110, 113, 143, 198, 268, 269, 270, 271

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 